



ENTRE TRAÇOS E SABERES: O GRAFISMO SATERÉ-MAWÉ COMO ESTRATÉGIA EDUCATIVA, DECOLONIAL E INTERCULTURAL NAS AULAS DE ARTE

BETWEEN TRACES AND KNOWLEDGE: SATERÉ-MAWÉ GRAPHICS AS AN EDUCATIONAL, DECOLONIAL AND INTERCULTURAL STRATEGY IN ART CLASSES

Auricélia Cardoso Ferreira¹

Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Clarissa Lopes Suzuki²

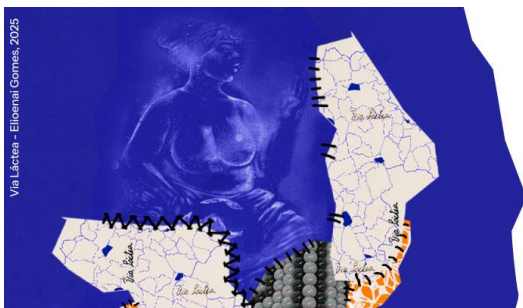
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Resumo: Essa pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/UFAM) foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e investigou a utilização dos grafismos Sateré-Mawé como estratégia pedagógica para promover uma educação decolonial e intercultural em aulas de Arte de uma escola pública do município de Parintins/AM. Fundamentado na Lei 11.645/08, que estabelece a obrigatoriedade do ensino das histórias e culturas indígenas e afro-brasileiras, o estudo busca integrar os saberes ancestrais dos Sateré-Mawé no ambiente escolar, valorizando a diversidade cultural e desafiando paradigmas eurocêntricos. Com abordagem qualitativa e amparada pela pesquisa-ação, desenvolveu-se em quatro etapas: levantamento teórico, formação docente, oficinas práticas e análise crítica. As oficinas, realizadas em uma escola não indígena, abordaram aspectos culturais e históricos, significados dos grafismos e vivências artísticas, desconstruindo estereótipos e sensibilizando a comunidade escolar sobre a inclusão dos saberes indígenas. Os resultados preliminares indicam que os grafismos Sateré-Mawé enriquecem o currículo, promovem reconhecimento das identidades indígenas e fortalecem o diálogo intercultural. Assim, a pesquisa contribui para práticas educacionais críticas, alinhadas à valorização das culturas indígenas e ao papel da escola como espaço de resistência, diversidade e transformação social.

Palavras-chave: educação decolonial; interculturalidade; grafismos Sateré-Mawé; saberes indígenas; Lei 11.645/08.

¹ Estudante de Artes Visuais no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ/UFAM). Pesquisadora do grafismo Sateré-Mawé, integrante do Grupo de Pesquisa Encruzilhadas Amazônicas, bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEAM) e participante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7853192491088490>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7327-1444>

² Professora Doutora do Mestrado Profissional em Arte - ProfArtes (UFAM/UEA) e do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade de São Paulo (PPGAV/USP); Coordenadora e Professora do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, campus Parintins. Vice-líder do GMEPAE (ECA/USP) e do Encruzilhadas Amazônicas (ICSEZ/UFAM) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9868131540022838>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6161-2885>.



Abstract: This Scientific Initiation research (PIBIC/UFAM) was funded by the Amazonas State Research Support Foundation (FAPEAM) and investigated the use of Sateré-Mawé graphics as a pedagogical strategy to promote decolonial and intercultural education in art classes at a public school in the municipality of Parintins/AM. Based on Law 11.645/08, which establishes the mandatory teaching of indigenous and Afro-Brazilian histories and cultures, the study seeks to integrate the ancestral knowledge of the Sateré-Mawé into the school environment, valuing cultural diversity and challenging Eurocentric paradigms. With a qualitative approach and supported by action research, it was developed in four stages: theoretical survey, teacher training, practical workshops, and critical analysis. The workshops, held in a non-indigenous school, addressed cultural and historical aspects, the meanings of graphics and artistic experiences, deconstructing stereotypes and sensitizing the school community to the inclusion of indigenous knowledge. Preliminary results indicate that Sateré-Mawé graphic symbols enrich the curriculum, promote recognition of indigenous identities, and strengthen intercultural dialogue. Thus, the research contributes to critical educational practices, aligned with the valorization of indigenous cultures and the role of the school as a space for resistance, diversity, and social transformation.

Keywords: decolonial education; interculturality; Sateré-Mawé graphics; Indigenous knowledge; Law 11.645/08.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um país marcado por uma diversidade étnica e cultural significativa, com mais de 300 povos indígenas e cerca de 270 línguas registradas (IBGE, 2022). Apesar dessa riqueza, os currículos escolares historicamente privilegiaram narrativas eurocêtricas, invisibilizando os saberes e práticas culturais dos povos originários (Candau, 2010). Nesse contexto, a implementação da Lei 11.645/08, que torna obrigatória a abordagem das histórias e culturas indígenas e afro-brasileiras na Educação Básica, surge como um marco legal fundamental para promover uma educação antirracista e plural. Contudo, sua efetivação ainda enfrenta desafios, sobretudo quanto à superação de práticas pontuais e folclorizadas (Munduruku, 2018). Inserido nessa perspectiva, este estudo investiga a utilização dos grafismos Sateré-Mawé como estratégia pedagógica para construção de uma educação decolonial e intercultural nas aulas de Arte em uma escola pública de Parintins/AM.

Compreendidos como expressões gráficas que comunicam narrativas, identidades e valores, os grafismos indígenas ultrapassam a dimensão estética, configurando-se como linguagens que articulam memória, espiritualidade e resistência (Kambebe, 2020; Graúna, 2013). A escolha do povo Sateré-Mawé justifica-



se por sua presença significativa na região amazônica e por sua contribuição cultural, especialmente no campo das artes visuais, mitologias e rituais. De acordo com Yamã (2007, p. 15-17), eles ocupam uma ampla faixa de fronteira entre os estados do Amazonas e do Pará, em uma região conhecida como Mawézia, considerada a pátria dos Mawé. Essa área abrange os municípios de Parintins, Barreirinha, Boa Vista do Ramos e Maués, no Amazonas, e Itaituba e Aveiro, no Pará.

O povo Sateré Mawé está conectado diretamente à natureza, sua história de origem parte de uma planta misteriosa. De acordo com o mito, o guaraná nasceu do olho de uma indígena assassinada por um deus ciumento. Essa história reflete a ligação especial dos Sateré Mawé com o guaraná, considerado sagrado. O mito, transmitido oralmente, fortalece a identidade cultural e a relação do povo com a natureza, influenciando sua organização social e práticas cotidianas.

Este trabalho fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, com ênfase na pesquisa-ação (Thiollent, 2011), e estrutura-se em quatro etapas: levantamento teórico, formação docente, realização de oficinas pedagógicas e análise crítica dos resultados. As oficinas, desenvolvidas no contexto das aulas de Arte, buscaram integrar saberes tradicionais e práticas criativas, desconstruindo estereótipos e favorecendo reflexões críticas sobre diversidade cultural.

O objetivo geral consistiu em analisar as potencialidades dos grafismos Sateré-Mawé como recurso pedagógico para promover uma educação decolonial e intercultural no ensino de Arte. Especificamente, pretende-se: (i) compreender os significados atribuídos aos grafismos no contexto cultural Sateré-Mawé; (ii) planejar e executar oficinas que articulem esses saberes com conteúdo escolares; e (iii) avaliar os impactos dessas práticas no processo de ensino-aprendizagem e na percepção dos estudantes sobre a cultura indígena.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. EDUCAÇÃO DECOLONIAL E INTERCULTURALIDADE

A educação brasileira, historicamente, foi estruturada a partir de uma perspectiva eurocêntrica, privilegiando conhecimentos ocidentais e silenciando saberes de povos originários e afrodescendentes (Candau, 2010). Essa lógica



hegemônica contribuiu para a reprodução de práticas excludentes, que marginalizam culturas não ocidentais e reforçam estereótipos. Nesse sentido, o debate sobre educação decolonial emerge como uma alternativa crítica às epistemologias coloniais, propondo a valorização de outros modos de conhecer e a desnaturalização das hierarquias de saber (Walsh, 2005).

A perspectiva decolonial, ao ser incorporada ao campo educacional, implica questionar os currículos monoculturais e promover espaços de diálogo entre diferentes matrizes culturais. Para Walsh (2010), a decolonialidade não se limita à inclusão de conteúdos, mas envolve a construção de práticas pedagógicas capazes de tensionar relações de poder, reconhecendo as epistemologias subalternizadas.

Nesse processo, a interculturalidade crítica torna-se um princípio essencial, pois vai além da convivência pacífica entre culturas, buscando interações horizontais que possibilitem a construção de um conhecimento plural e solidário (Candau, 2010). No contexto amazônico, essa discussão ganha relevância diante da presença de diversos povos indígenas e da persistência de preconceitos e práticas racistas.

A efetivação da Lei 11.645/08, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, depende de estratégias pedagógicas que articulem teoria e prática, evitando abordagens superficiais ou folclorizadas (Munduruku, 2018).

Assim, pensar a educação decolonial e intercultural requer criar condições para que os saberes tradicionais ocupem, de forma legítima, os espaços escolares, promovendo aprendizagens que valorizem a diversidade e o respeito às diferenças.

2.2. SABERES INDÍGENAS E GRAFISMOS COMO ARTE E CULTURA

Os saberes indígenas constituem sistemas complexos de conhecimento, que articulam oralidade, memória, espiritualidade e práticas sociais.

Incorporar esses elementos no ensino de Arte não significa apenas reproduzir formas estéticas, mas compreender e respeitar seus significados simbólicos, evitando apropriações descontextualizadas.

Além disso, autores indígenas como Kambeba (2020) e Munduruku (2018) ressaltam que trabalhar com saberes tradicionais na escola é fundamental para



valorizar conhecimentos historicamente invisibilizados, além de reconhecer que esses saberes têm sido cada vez mais compreendidos como essenciais à construção de uma educação que dialogue com a diversidade cultural brasileira. Entre as diversas manifestações artísticas dos povos indígenas, os grafismos ocupam lugar de destaque, por expressarem identidades, histórias e cosmologias.

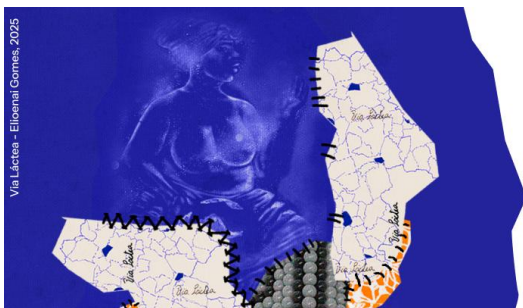
Segundo Graça Graúna (2013, p. 36), “os grafismos indígenas não se limitam a um caráter decorativo, mas são marcas que carregam sentidos, saberes e espiritualidade”. No caso do povo Sateré-Mawé, essas representações visuais estão relacionadas ao cotidiano, aos rituais e à relação com a natureza, funcionando como uma linguagem que comunica pertencimento e resistência cultural.

Trabalhar com saberes tradicionais na escola deve ocorrer a partir do diálogo com os próprios povos indígenas, garantindo autenticidade e evitando práticas colonizadoras. Nesse sentido, as práticas pedagógicas que incorporam grafismos indígenas podem potencializar a construção de aprendizagens significativas, ao promoverem reflexões sobre identidade, ancestralidade e diversidade cultural, fortalecendo uma pedagogia intercultural e decolonial.

2.3 METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, por permitir compreender significados, percepções e práticas socioculturais em um contexto específico (Minayo, 2012). Como estratégia central, utilizou-se a pesquisa-ação, que, segundo Thiollent (2011, p. 20), “busca articular ação e reflexão em um processo participativo, envolvendo pesquisadores e sujeitos sociais na construção coletiva do conhecimento”. Essa escolha metodológica justificou-se pela necessidade de desenvolver práticas pedagógicas que dialogassem com a comunidade escolar e promovessem mudanças efetivas no espaço educativo.

O estudo foi realizado em uma escola pública do município de Parintins/AM, no âmbito das aulas de Arte, envolvendo estudantes do Ensino Fundamental II, professoras da disciplina e artistas indígenas convidados. A participação dos mestres indígenas foi essencial para assegurar a legitimidade dos saberes tradicionais e evitar abordagens superficiais ou descontextualizadas.



A pesquisa estruturou-se em quatro etapas principais:

1. **Levantamento teórico** – Revisão bibliográfica sobre educação decolonial, interculturalidade e saberes indígenas, com ênfase nos grafismos Sateré-Mawé, incluindo obras de autores indígenas como Kambeba (2020), Munduruku (2018) e Krenak (2019).
2. **Formação docente** – Realização de encontro formativo com professores da escola para discutir os princípios da Lei 11.645/08, a importância da interculturalidade e os riscos de práticas folclorizadas.
3. **Oficinas pedagógicas** – Desenvolvimento de quatro oficinas no contexto das aulas de Arte, abordando: (i) identidade e ancestralidade; (ii) significados dos grafismos Sateré-Mawé; (iii) processos criativos com inspiração nos grafismos; (iv) reflexão crítica sobre diversidade cultural. Essas atividades contaram com a participação de artistas indígenas locais, como Kamy Wará e Adolfo Tapayuna, integraram rodas de conversa, leituras, análise de poemas e práticas artísticas.
4. **Análise crítica dos resultados** – Avaliação das produções visuais e das percepções dos estudantes e docentes por meio de observação participante e registros reflexivos, além de entrevistas com os artistas indígenas, a fim de identificar avanços, desafios e possibilidades da proposta pedagógica.

A coleta de dados ocorreu durante as oficinas, com registro fotográfico das atividades, anotações em diário de campo e coleta de falas espontâneas dos estudantes e professores, que foram posteriormente organizadas e analisadas com base na técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2011).

Descrição das oficinas

As oficinas constituíram a etapa central da pesquisa, por possibilitarem a articulação entre saberes tradicionais e práticas pedagógicas no espaço escolar. Foram desenvolvidas quatro oficinas no contexto das aulas de Arte, com duração média de 120 minutos cada, envolvendo estudantes do Ensino Fundamental II. As atividades foram planejadas de modo a integrar conteúdos artísticos e conhecimentos



ancestrais, promovendo reflexões críticas sobre diversidade cultural e desconstruindo estereótipos relacionados aos povos indígenas.

Oficina 1 – Identidade e ancestralidade

A primeira oficina teve como objetivo sensibilizar os estudantes para a importância da identidade cultural e da ancestralidade, destacando a presença indígena no território amazônico. A atividade iniciou-se com uma roda de conversa sobre as origens familiares dos participantes, seguida da leitura e interpretação de poemas de autores indígenas, como Márcia Wayna Kambeba, que abordam memória, território e resistência. Em seguida, os alunos realizaram um exercício de autorretrato simbólico, utilizando elementos gráficos que representassem aspectos de sua identidade, estimulando a reflexão sobre pertencimento e diversidade.

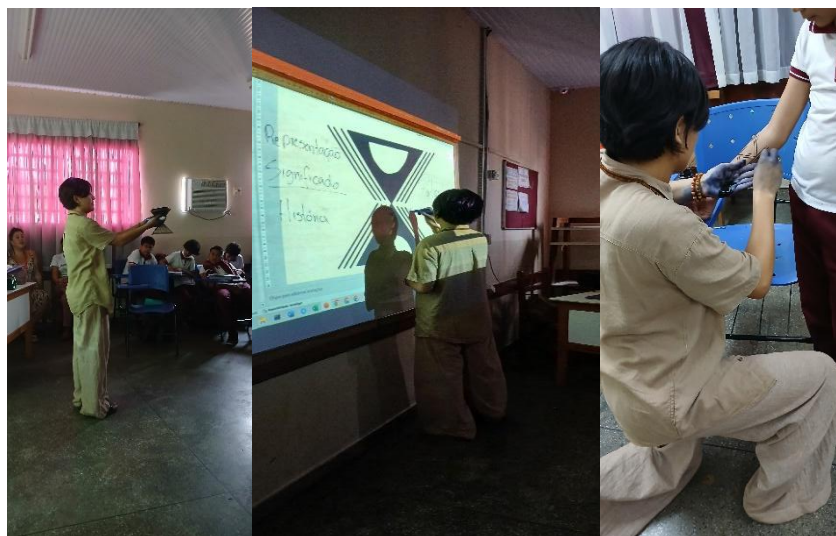
Oficina 2 – Significados dos grafismos Sateré-Mawé

Na segunda oficina, os estudantes foram introduzidos ao universo simbólico dos grafismos Sateré-Mawé. O artista indígena Iranildo Sateré compartilhou conhecimentos sobre a origem dos grafismos, suas relações com a natureza e a espiritualidade, explicando que cada traço possui um significado que remete à história do povo. Foram apresentados exemplos de grafismos presentes em utensílios, adornos corporais e pinturas cerimoniais. Ao final, os estudantes registraram, em seus cadernos, os grafismos aprendidos e seus respectivos significados.

Oficina 3 – Criação artística com inspiração nos grafismos

A terceira oficina consistiu na produção de trabalhos artísticos inspirados nos grafismos Sateré-Mawé. Após um breve diálogo sobre os riscos da apropriação cultural, os estudantes foram orientados a criar composições autorais utilizando os grafismos de forma respeitosa, sem descaracterizar seus sentidos simbólicos. A proposta envolveu o uso de papel, tintas e pincéis, resultando em produções visuais que expressaram tanto a estética indígena quanto a criatividade individual dos alunos. Durante a atividade, os artistas indígenas convidados interagiram com os estudantes, esclarecendo dúvidas e compartilhando experiências sobre a importância dos grafismos na vida do povo Sateré-Mawé.

Figura 01: Artista Sateré-Mawé Kamy Wará

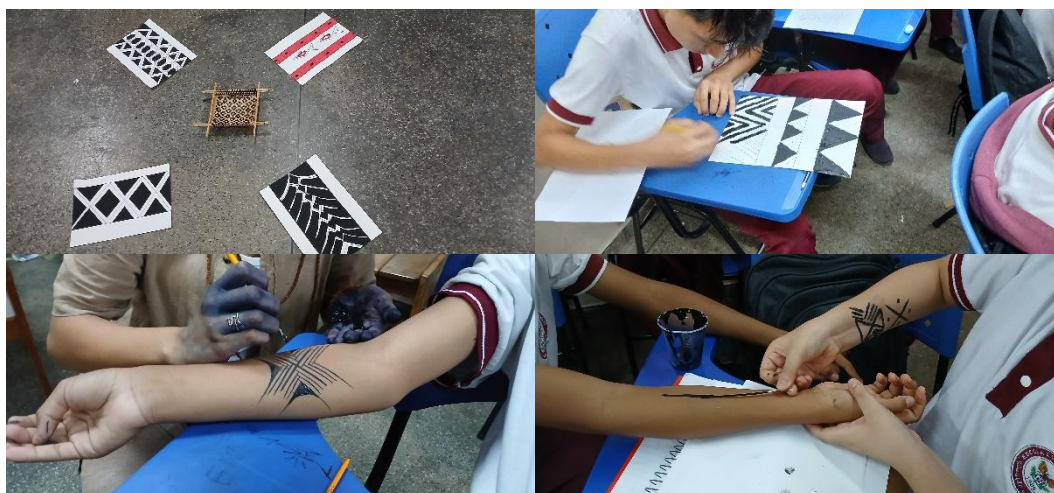


Fonte: acervo pessoal

Oficina 4 – Reflexão crítica e socialização

A última oficina teve como foco a reflexão sobre o aprendizado adquirido e a socialização das produções artísticas. Os estudantes apresentaram seus trabalhos, explicando as escolhas estéticas e os significados incorporados. Em roda de conversa, discutiram percepções sobre os povos indígenas antes e depois das oficinas, apontando mudanças em sua compreensão e valorização cultural. Essa etapa permitiu identificar a desconstrução de estereótipos e o fortalecimento do respeito às identidades indígenas, confirmando a potencialidade da prática pedagógica baseada na interculturalidade crítica.

Figura 02: Registros das oficinas realizadas na escola





Fonte: arquivo pessoal

As quatro oficinas, articuladas entre si, mostraram-se eficazes para integrar conhecimentos indígenas ao currículo escolar, possibilitando aprendizagens significativas que transcendem a dimensão técnica da arte, alcançando aspectos éticos, culturais e políticos da educação.

2.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A implementação das oficinas artístico-pedagógicas possibilitou observar mudanças significativas na percepção dos estudantes sobre a cultura indígena, especificamente a do povo Sateré-Mawé bem como na valorização da diversidade cultural no espaço escolar. As falas registradas ao longo das atividades revelam que, antes do projeto, muitos alunos possuíam uma visão limitada e estereotipada dos povos indígenas, associando-os a imagens folclorizadas ou restritas ao passado.

Após a realização das oficinas, os relatos apontam para uma ampliação do repertório cultural e um maior reconhecimento da presença indígena no contexto amazônico. Um estudante destacou: *“Achei bem interessante, amei estudar mais sobre os saberes dos povos indígenas, porque antes eu só conhecia um pouco, agora entendo que cada grafismo tem um significado e conta uma história”* (Estudante A). Essa fala confirma a análise de Candau (2010), que ressalta a importância de práticas pedagógicas que promovam a interculturalidade crítica e contextualizada, possibilitando interações horizontais entre diferentes matrizes culturais.

Outro aspecto relevante foi o impacto da participação dos artistas indígenas, que trouxeram legitimidade ao processo educativo. Em suas falas, os mestres enfatizaram que os grafismos não se reduzem a ornamentos estéticos, mas constituem uma linguagem carregada de sentidos espirituais e identitários. Como afirmou Iranildo Sateré: *“Cada traço tem uma história, não é só desenho, é a memória do nosso povo, é a ligação com a natureza e com nossos antepassados”*. Essa perspectiva dialoga com Graça Graúna (2013), para quem as marcas gráficas indígenas expressam modos de ser e de existir, funcionando como dispositivos de resistência cultural.



As produções artísticas elaboradas pelos estudantes também indicaram uma apropriação respeitosa dos saberes apresentados, evitando distorções ou descaracterizações. Em suas explicações, os alunos demonstraram preocupação com a autenticidade e reconheceram a importância do diálogo com os povos indígenas para compreender a dimensão simbólica dos grafismos. Esse cuidado corrobora a posição de Kambeba (2020), que alerta para os riscos da apropriação cultural quando saberes ancestrais são trabalhados de forma descontextualizada. Apesar dos avanços, a análise evidenciou desafios a serem superados.

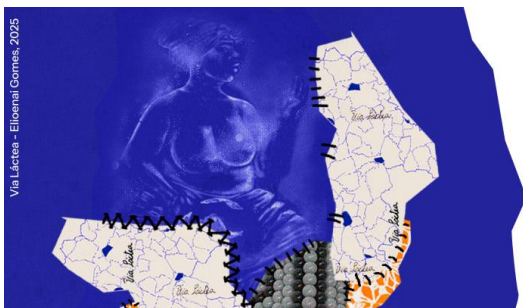
Entre eles, destaca-se a escassez de materiais didáticos específicos sobre culturas indígenas e a necessidade de formação continuada para docentes, de modo a garantir abordagens críticas e não superficiais. Esses aspectos reafirmam que a efetivação da Lei 11.645/08 não depende apenas da prescrição legal, mas da criação de condições pedagógicas e políticas para sua implementação plena (Munduruku, 2018).

Em síntese, os resultados confirmam que os grafismos Sateré-Mawé, ao serem incorporados às práticas escolares por meio de oficinas participativas e dialógicas, configuram-se como estratégias potentes para promover aprendizagens significativas, desconstruir estereótipos e fortalecer a construção de uma educação intercultural e decolonial.

Para compreender como os estudantes assimilaram os conteúdos trabalhados nas oficinas, organizamos no Quadro 1 algumas falas representativas, acompanhadas de suas interpretações pedagógicas.

Quadro 1 – Falas de estudantes e sentidos atribuídos à aprendizagem

Fala do estudante	Sentido pedagógico
“Achei bem interessante, amei estudar mais sobre os saberes dos povos indígenas, porque antes eu só conhecia um pouco, agora entendo que cada grafismo tem um significado e conta uma história.”	Reconhecimento da dimensão cultural e histórica dos grafismos; ampliação do repertório cultural.



Fala do estudante	Sentido pedagógico
“Antes eu não sabia nada, só aprendi com as oficinas. Agora vejo que a cultura indígena é viva e importante para todos.”	Desconstrução de estereótipos e valorização da presença indígena contemporânea.
“Gostei de aprender sobre os grafismos porque não é só desenho bonito, é uma história, um sentimento.”	Compreensão dos grafismos como linguagem simbólica e não meramente estética.

Fonte: dados da pesquisa

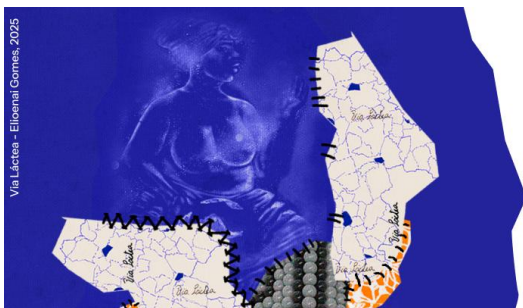
As falas indicam que as oficinas contribuíram para ampliar o repertório cultural, possibilitar a desconstrução de estereótipos e levar os estudantes a reconhecer os grafismos como expressões simbólicas e identitárias, não apenas estéticas. Isso confirma a relevância de práticas pedagógicas que favoreçam uma educação intercultural crítica (Candau, 2010).

Para compreender a importância da presença dos artistas indígenas nas oficinas, apresentamos no Quadro 2 trechos de suas falas e a contribuição pedagógica associada.

Quadro 2 – Falas dos artistas indígenas e suas contribuições para a prática pedagógica

Fala do artista	Contribuição pedagógica
“Cada traço tem uma história, não é só desenho, é a memória do nosso povo, é a ligação com a natureza e com nossos antepassados.” (Adolfo Tapayuna)	Reforço da ideia de grafismo como memória e identidade cultural.
“Ensinar grafismo na escola é importante, mas tem que ser com respeito, conversando com quem vive essa cultura, para não virar enfeite sem sentido.” (Kamy Wará)	Alerta sobre os riscos da apropriação cultural e a necessidade de diálogo com povos indígenas.

Fonte: dados da pesquisa



A partir das falas apresentadas no Quadro 2, observa-se que a presença dos artistas indígenas foi decisiva para conferir legitimidade ao processo formativo. Suas contribuições evidenciam que os grafismos não podem ser reduzidos a elementos decorativos, mas constituem linguagens que comunicam memória, espiritualidade e identidade coletiva. Ao destacar que “cada traço tem uma história” (Adolfo Tapayuna) e que o ensino do grafismo deve ocorrer com respeito e diálogo com quem vivencia essa cultura (Kamy Wará), os artistas reforçam a necessidade de uma prática pedagógica que vá além da reprodução estética, assumindo um caráter ético e intercultural.

Essa perspectiva dialoga com os apontamentos de Graúna (2013) e Kambeba (2020), ao enfatizar que os saberes indígenas, quando incorporados à escola, devem ser trabalhados em sua dimensão simbólica e cultural, evitando apropriações superficiais. Assim, o quadro reafirma o papel central dos mestres indígenas na construção de uma educação decolonial, em que a escola se torna espaço de reconhecimento, respeito e transformação social.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações desenvolvidas ao longo do projeto confirmam que a utilização dos grafismos Sateré-Mawé como estratégia pedagógica contribui significativamente para a promoção de uma educação intercultural e decolonial no ensino de Arte. As oficinas possibilitaram que estudantes de uma escola não-indígena conhecessem e valorizassem saberes ancestrais, rompendo com estereótipos historicamente enraizados na educação brasileira.

Os resultados evidenciam que a integração de conhecimentos indígenas no espaço escolar, mediada pelo diálogo e pelo respeito cultural, favorece aprendizagens significativas e fortalece a construção de práticas pedagógicas críticas, comprometidas com a diversidade. A presença dos artistas indígenas foi essencial para legitimar o processo, garantindo autenticidade e evitando a apropriação descontextualizada dos grafismos.

Entretanto, o estudo também revelou desafios, como a ausência de materiais didáticos específicos sobre culturas indígenas e a necessidade de formação



continuada para docentes, de modo a efetivar a Lei 11.645/08 de forma crítica e não superficial. Nesse sentido, é imprescindível que políticas públicas educacionais e ações institucionais garantam condições para a implementação de práticas interculturais nos currículos escolares.

Conclui-se que iniciativas como esta representam passos importantes para a construção de uma educação que reconhece a pluralidade cultural do Brasil, rompe com paradigmas eurocêntricos e reafirma a escola como espaço de resistência e transformação social. Sugere-se que pesquisas futuras ampliem a abordagem para outros componentes curriculares e aprofundem a análise sobre os impactos da educação intercultural na formação da cidadania crítica.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 11 mar. 2008.
- CANDAU, V. M. F. **Educação intercultural: entre concepções, tensões e propostas**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GRAUNA, G. **Literatura indígena contemporânea: escrita e oralidade em diálogo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo da População Brasileira, 2022.
- KAMBEBA, M. W. **Ay kakyri tama: eu moro na cidade**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2020.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.
- MUNDURUKU, D. **Memórias de índio: uma quase autobiografia**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- WALSH, C. **Interculturalidad, Estado, Sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito: Abya-Yala, 2005.
- WALSH, C. **Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: apuestas (des)coloniales desde la educación**. Quito: Abya-Yala, 2010.
- YAMÃ, Yaguarê. **Sehaypóri: o livro sagrado do povo Sateré-Mawé**. São Paulo: Peirópolis, 2007.